



MANUAL DA TINA

BOLAMA, GUINÉ-BISSAU



INTRODUÇÃO

A Tina é um instrumento musical constituído por um grande recipiente cilíndrico quase cheio de água onde se encontra a boiar uma cabaça oca, designado por muitos como *tambur di águ*¹. Neste recipiente, a cabaça é percutida com as mãos, servindo o som deste instrumento de base rítmica para canções e apresentações de dança, sendo habitualmente tocado por duas pessoas. É, então, simultaneamente, um estilo de música, um instrumento e uma dança que, apesar da sua origem desconhecida, acredita-se que floresceu na Ilha de Bolama. Considerada como um dos mais destacados instrumentos tradicionais da Guiné-Bissau, a par da *kora* e do *balafon*, a Tina é um elemento típico do convívio guineense fortemente marcado pelo protagonismo feminino.

Este manual, nascido do projeto ***Bolama Ka Pudi Pirdi Tina***, implementado pela Fundação AMI e o seu parceiro Associação Pró-Bolama², tem como grande objetivo fornecer informações sobre a origem, história e prática da Tina, bem como curiosidades e mais informações sobre esta forma de expressão cultural, de modo a revitalizar a prática da Tina na Ilha de Bolama e dar a conhecer à população mais jovem e garantir a sua continuidade.

Esta prática artística, para além de ser uma forma de diversão através da percussão e movimento, é também parte integrante das cerimónias familiares e comunitárias (festas, casamentos, *toka tchuru*³) como meio de partilha de narrativas das perceções sobre a vida, os problemas diários, as emoções e de recados que se pretendem enviar, assumindo-se como um instrumento cultural de grande importância, unificadora das diferentes etnias da Guiné-Bissau. A Ilha de Bolama tem assistido a uma gradual perda do seu património histórico-cultural com a extinção de vários grupos dedicados às artes performativas tradicionais, devido a diversos fatores relacionados, como a falta de apoio a este setor, dificuldades económicas, decrescente

1 Tambor de água.

2 Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P em parceria com a EUNIC.

3 Cerimónia fúnebre.

participação ao nível de espetáculos e apresentações culturais, que afetam a sustentabilidade dos artistas e dos grupos, e a migração de alguns elementos dos grupos para outras regiões, em busca de melhores condições de vida. Posto isto, revela-se então a necessidade de proteger o património e de dinamizar o setor cultural na Ilha de Bolama através da revitalização e apoio à prática da Tina, um elemento fulcral da cultura guineense.

1. ORIGEM/HISTÓRIA DA TINA

Apesar dos mistérios que envolvem a origem da Tina, acredita-se que este género musical foi criado por mulheres guineenses da região de Cacheu, terra de manjacos, localizada na província norte da Guiné-Bissau. Julga-se que era tradição das mulheres nesta região irem buscar água e lavar as suas roupas no rio Cacheu, usando uma cabaça como vasilhame. Era uma prática habitual encontrarem-se, não só para realizar algumas lides, como também para se juntarem com as outras mulheres, muitas das vezes *mandjuas*, para poderem falar entre si sobre aquilo que se passava em casa com os seus maridos e dificuldades do dia-a-dia, criando um espírito de camaradagem, em que todas podiam desabafar aquilo que ia no seu íntimo. Era hábito conversar, debaterem e cantarem canções como forma de aliviarem a pressão sentida e de criarem um momento de diversão e união, em que juntas cantavam em coro as mesmas frases.



**"ERA HÁBITO CONVERSAREM,
DEBATEREM E CANTAREM CANÇÕES
COMO FORMA DE ALIVIAREM A PRESSÃO
SENTIDA E DE CRIAREM UM MOMENTO
DE DIVERSÃO E UNIÃO, EM QUE JUNTAS
CANTAVAM EM CORO AS MESMAS
FRASES."**

Conta-se que um dia, uma mulher deixou cair acidentalmente uma cabaça na água, e ao tentar apanhá-la, bateu com a mão na mesma e, curiosamente, um “som zumbido” ecoou do interior da mesma. Eventualmente, durante algum tempo, ouviu-se no rio Cacheu estas mulheres a cantarem, de forma animada, acompanhadas ao som da cabaça dentro de água.

O porto de Cacheu foi, no tempo colonial, um importantíssimo entreposto comercial para transporte de pessoas escravizadas e de matérias-primas para outros países. Como forma de negociar e aliciar, os colonizadores portugueses ofereciam aos líderes da região e às pessoas locais influentes, produtos de origem portuguesa – como é o caso de vinho do Porto, transportado dentro de barris de madeira. Os barris vieram a ter utilidade, ao serem cortados ao meio, e a ganharem uma forma de selha, que passou a ser utilizada para colocar diferentes tipos de materiais dentro e para servir para diversas atividades, como é o caso da lavagem das roupas.

Ao ser colocada água dentro destas metades de barril (ou “tina”), era possível às mulheres lavar as roupas dentro das mesmas, sendo também viável a mesma prática que anteriormente tinham de tocar a cabaça dentro do rio, para o passarem a fazer dentro da tina. Assim nasceu a Tina, um instrumento musical tradicional guineense, composto pela tina (metade do barril), água e meia cabaça. Com o desaparecimento destes barris provenientes da Europa, as mulheres começaram a substituí-los por bacias de plástico – as *tinas* – ou banheiras.



Quando desafiados a explicar por palavras suas o que é a Tina, vários bolamenses enfatizaram o aspeto tradicional da mesma:

A Tina é um estilo musical tradicional guineense que une todas as etnias guineenses.

(N Guabi António da Costa Júnior, fevereiro de 2023)

A Tina é um barril cortado onde se coloca água e cabaça. Tem uma dança específica acompanhada com palmas organizadas e canção. A Tina é dança da manjuandade, é praticado por ambos os sexos.

(Manuel Raimundo Lopes, fevereiro de 2023)

A Tina é um instrumento musical onde coloca água e cabaça. O género musical é um estilo tradicional guineense que existe há vários anos.

(Eitor Diogenes Cassama, março de 2023)

Atualmente, a dança da Tina é uma dança transversal, isto é, tanto homens como mulheres participam na mesma, independentemente da sua faixa etária. Todavia, este estilo de música tornou-se a prática de muitos grupos conhecidos no país, compostos unicamente por mulheres – os grupos de *mandjuandadi* –, principalmente em Cacheu, Bissau, Geba, Farim e Bolama. A *mandjuandadi* é composta por grupos de fraternidade de mulheres da mesma idade que desenvolvem atividades festivas com o objetivo de agir ou reagir a situações adversas da vida familiar e social, com base em sentimentos mútuos de solidariedade, expressando-se muitas vezes por via de canções e danças de tradições guineenses. Assim, este espaço de solidariedade social era o refúgio das mulheres e onde estas se sentiam livres. Através das suas letras musicais, sempre escritas e cantadas na língua crioula da Guiné-Bissau, estes grupos davam a sua perspetiva de como conviver com os mais velhos, valorizar pessoas de diversas culturas, lidar com situações do quotidiano na família, nas relações com os homens, na sociedade, entre outros. A partir dos anos 80, foi possível assistir ao aumento gradual da presença de elementos do sexo masculino nos grupos de *mandjuandadi*, ocupando frequentemente o lugar de percussionistas.

A cabaça e o pano de pente são dois elementos essenciais dos grupos de *mandjuandadi*. Cabaça, do crioulo guineense *kabas*, tem um significado muito profundo na vida de um guineense, por ser um elemento que está presente em quase todos os momentos da vida do mesmo – desde o nascimento, até ao momento do óbito.

**"ATUALMENTE,
A DANÇA DA TINA
É UMA DANÇA
TRANSVERSAL,
ISTO É, TANTO
HOMENS COMO
MULHERES
PARTICIPAM NA
MESMA"**





Desde o bebé, aquando do seu nascimento, ser lavado dentro da cabaça, da comida ser servida dentro da cabaça⁴, várias cerimónias como o casamento e velório utilizarem a cabaça como elemento de união, representação da ligação entre todos e também de forma mística, podendo servir para realização de práticas e rituais animistas de diversos grupos étnicos.

Na Tina, a cabaça é o elemento de maior importância. Para além de todo o significado acima elencado, através dela, podemos escutar o som da percussão utilizada para o toque da Tina, que marca o compasso de toda a dança. Também a cabaça é utilizada como espaço para contribuições monetárias, daqueles que assistem à tradição e pretendem oferecer algo.

Por sua vez, durante a dança tradicional da Tina, o pano de pente pode ser oferecido por um membro a outro membro da *mandjuandadi*, ou até mesmo a alguém que se encontra no local, no momento da manifestação cultural. Pode ser visto como um desafio para que se junte no centro da roda, a quem está a dançar no momento, mas sendo considerado, acima de tudo, uma honra receber este pano.

⁴ A comida que é servida dentro da cabaça é considerada sagrada.

Também este elemento, que em crioulo se traduz no *panu di pinti*, carrega um enorme destaque na sociedade da Guiné-Bissau, que à semelhança da cabaça, também ele está presente em todos os momentos da vida de um guineense. Confeccionado por alguns mestres da prática de tecelagem, é um dos patrimónios materiais mais importantes do país. Instrumentos de percussão como o *djembé* só foram introduzidos nas danças de Tina mais tarde, nomeadamente a partir dos anos 2000 por grupos étnicos muçulmanos, tendo tido a sua maior utilização quando os grupos folclóricos o começaram a utilizar em todas as apresentações culturais.

Dentro dos grupos de Tina, existe uma hierarquia interna que contribui para a sua organização:

1º — Rainha (escolhida normalmente pela maior quantidade de anos a tocar Tina e sua influência; personalidade mais respeitada e com maior poder de decisão no grupo)

2º — Rei (poder representativo na ausência da Rainha)

3º — Duque (poder de controlar a disciplina do grupo)

4º — Conde (responsável pelo vestuário e património do grupo)

5º — Meirinha (elemento mais novo; é protegida e acarinhada pelo grupo)

Recentemente, alguns grupos passaram a ter também madrinhas/padrinhos, que ajudam no financiamento dos grupos culturais.

Muitos acreditam que, embora a Tina não tenha nascido em Bolama, foi nesta ilha que a prática floresceu:

Pelo que sei, a Tina de Bolama foi o berço da cultura guineense e os bolamenses consideram a Tina como raiz da cultura guineense.

(João José Alves, fevereiro de 2023)

Pela história que o meu pai me contava, a prática da Tina em Bolama começou na fonte de N Tacha, em jeito de diversão no momento de lavar a roupa.

(Gualdino da Silva, março de 2023)



A Tina, bem como outros géneros musicais presentes na Guiné-Bissau, faz parte das memórias e narrativas orais do povo guineense, desde a sua fase pré-colonial, fase colonial, no período da luta pela independência e pós-independência. Apesar de não conseguirem identificar um ano concreto do seu início, várias testemunhas bolamenses afirmam que a cultura da Tina já estava presente em Bolama muito antes do início da Guerra da Independência da Guiné-Bissau (1963-1974). Mesmo em tempos de guerra, esta servia para animar, partilhar, promover e fortificar amizades entre irmãos, vizinhos,



elementos de grupo e, acima de tudo, promover a Tina como prática de união entre todas as faixas etárias, géneros, etnias e religiões.

Muitos declaram que só os anciões conhecem bem a história da Tina, mas que guardam na memória muitas histórias que ouviram ao longo da sua infância e adolescência sobre esta prática. O surgimento da Tina em Bolama aconteceu durante o período de colonização e início da independência no fontenário da Praça de N'Tacha, onde as mulheres lavadeiras residentes iam lavar a roupa.

Com a crescente deslocação de guineenses, dentro do país, foi possível registar a movimentação de várias pessoas de etnia *manjaca* (da região de Cacheu) para a ilha de Bolama, e pensa-se que foi aí que esta tradição da Tina foi transmitida a diferentes habitantes residentes na mesma, passando a ser uma prática regular dos bolamenses.

Os bolamenses, com o passar dos anos, e devido a ter sido Bolama uma cidade com tantas movimentações, muito em parte por ter sido capital da Guiné-Bissau, juntando diversas etnias que, começaram também elas a praticar Tina, gozando hoje esta prática cultural do estatuto de tradição que se estende a todas as etnias, juntando-as e unindo-as através da mesma vontade.



Para além do seu propósito de animar e unir pessoas, os encontros destinados às danças de Tina serviam também de meio de disfarce para debates políticos e revolucionários durante o processo de resistência no decorrer da luta pela independência guineense – impedindo a polícia política portuguesa (PIDE) de desconfiar e intervir. De facto, a PIDE censurou muitas letras de canções de Tina devido ao seu teor político.

2. A MENSAGEM DA TINA

As canções cantadas pelos grupos de *mandjuandadi* retratam questões políticas, económicas, sociais e culturais da Guiné-Bissau, bem como questões de cariz pessoal. Todavia, a Tina não é praticada apenas por estes grupos, sendo um género musical tocado e cantado por muitos outros músicos modernos guineenses. Por detrás deste estilo musical, há sempre a intenção de transmitir uma mensagem para quem está a ouvir, o que torna a prática da Tina algo especial para quem a pratica e ouve:

A Tina serve para transmitir mensagem de elogio, dor, alegria, encorajamento, crítica aos Governantes...

(N Guabi António da Costa Júnior, fevereiro de 2023)

As letras das canções podem ser curtas, mas transmitem-nos fortes mensagens e sentimentos de toda a natureza, sendo evidente a sua componente ativista em diversas letras, bem como a ênfase dada a estas questões através da repetição constante das letras:

Canção “Mar Azul”

Oh Bulama, i pena,
tera di iagu di mar azul,
falta di apoiu di governatis di
Guiné,
eku manda nha tera dingui.
Oh governu apoiano,
bulino costa dé nó buli bariga⁵,
kabu dano costa dé Bulama,
nos nha tera ta disdingui.

Ó Bolama, é pena,
terra de mar com a água azul,
falta de apoio dos governantes
da Guiné,
é o que faz a nossa terra estar
sozinha/isolada.
Ó governo apoia-nos,
esfregai-nos as costas, nós
esfregamos a nossa barriga,
não nos deem as costas a
Bolama,
assim a nossa terra não fica
isolada.

Autora: Maria Eugénia Monteiro de Melo (Rainha da Tina de Bolama)

Temática: Isolamento de Bolama (Questão Política/Económica)

5 *Su bulino kosta, no ta buli bariga – “se tu nos esfregares as costas, nós esfregamos a barriga” é uma forma de dizer que se alguém nos apoiar, nós fazemos o resto.

Canção ‘Si Maradu’

Si maradu da Costa na
dismantcham, sim maradu da
Costa na dismantcham,

Si maradu da Costa na
dismantcham, sim maradu da
Costa na dismantcham,

Ami ki Gumi si maradu da Costa
na dismantcham, si maradu da
costa na dismantcham,

Ami ki Gumi si maradu da Costa
na dismantcham, si maradu da
costa na dismantcham.

Se eu for presa o Costay vai
libertar-me, se eu for presa o
Costa vai-me libertar

Se eu for presa o Costa vai
libertar-me, se eu for presa o
Costa vai-me libertar

Eu sou Gomes, se for presa o
Costa vai libertar-me, se eu for
presa o Costa vai libertar-me,

Eu sou Gomes, se for presa o
Costa vai libertar-me, se eu for
presa o Costa vai libertar-me,

Autora: Inácia Gomes

Temática: Pessoal (Questão Social)



Canção 'Nha Tera Dinguí'

Kuma nha tera dingui, nha
tabanka kala.
Ma si nó tene puder, nó na
lantanda nó garandis pa ianda
cabas pa nós.
Lúcia da Silva, u ianda cabas pa
nós,
Paulo Caiango, u ianda cabas pa
nós,
Geralda de Almeida, u ianda
cabas pa nós,
Martina Gomes, u ianda cabas
pa nós,
Falta Gomes, u ianda cabas pa
nós.

Dizem que a minha terra está
sozinha, a minha tabanca está
em silêncio.
Mas se nós tivéssemos poder,
iríamos levantar-nos com os
nossos mais velhos para nos
darem sorte.
Lúcia da Silva, abençoa-nos (ou
dá-nos a sorte),
Paulo Caiango, abençoa-nos,
Geralda de Almeida,
abençoa-nos,
Martina Gomes, abençoa-nos,
Falta Gomes, abençoa-nos.

Autora: Maria Eugénia Monteiro de Melo (Rainha da Tina de Bolama)

Temática: Comunidade (Questão Política/Social)



Canção ‘como eu rei’

Fidrico de Barro i tem punta ka
puntadu como eu rei,
Fidrico de Barro i tem punta ka
puntadu como eu rei,
Arqueta Alves punta bu rei ké
ku ika fasi i ka punta como rei

Arqueta Alves punta bu rei ké
ku ika fasi i ka punta como rei

Frederico de Barros,
perguntam de mim como se eu
fosse rei,
Frederico de Barros,
perguntam de mim como se eu
fosse rei,

Arqueta Alves pergunta ao teu
rei o que é que ele não fez, que
não lhe foi perguntado como
sendo rei?

Arqueta Alves pergunta ao teu
rei o que é que ele não fez, que
não lhe foi perguntado como
sendo rei?

Autor: Lúcio da Silva

Temática: Pessoal (Questão Social)



Canção ‘Anos, mindjeris di Guiné’

Anos mindjeris di Guiné,
mindjeris! No lanta, no djunta
kabesa.
No firma dianti di homi, no pidi
no dritu dé.
Ke no lanta, no firma, no lanta,
no pega.
Ka no fika kaladu dé, dianti di
homi di Guiné.

Nós, as mulheres da Guiné,
mulheres! Nós levantamo-nos e
juntamos as cabeças.
Nós ficamos de pé em frente
dos homens e pedimos o nosso
direito.
Nós levantamo-nos, ficamos de
pé, levantamo-nos e pegamos.
Não ficamos caladas em frente
dos homens da Guiné.

Autora: Maria Eugénia Monteiro de Melo (Rainha da Tína de Bolama)

Temática: Desigualdade (Questão Social/Cultural)

Canção ‘Mortu ka sabi dé’

Mortu ka sabi dé,
mortu da dé,
mortu ku mas tá dé,
i mortu di mamé.
Si bo tene mamé,
bu tene firkija garandi dé,
su tene mamé,
poilon di sombra bu tene.

A morte não tem sabor,
a morte dói,
a morte que mais dói,
é a morte da mãe.
Se tu tens mãe,
tu tens uma sorte/segurança
grande,
se tu tens mãe,
uma sombra de poilão⁶ tu tens.

Autora: Maria Eugénia Monteiro de Melo (Rainha da Tína de Bolama)

Temática: Morte (Questão Pessoa)

6 A sombra de poilão simboliza uma zona de segurança e de descanso. O poilão é uma das árvores mais sagradas da Guiné-Bissau. É uma árvore com uma enorme dimensão, muito respeitada. Quase todas as cerimónias étnicas são realizadas em volta desta árvore.

3. A IMPORTÂNCIA CULTURAL DA PRÁTICA DA TINA

Tendo as Tinas um grande peso nas memórias do povo guineense, podemos afirmar que a música é encarada como um dos aspetos mais importantes da sua cultura. Através da prática da Tina, homens e mulheres cantam e dançam, expressando livremente a sua dor, mágoa, alegria, tristeza, estima, conhecimento, entre outros. As canções tradicionais da Tina são cantadas em vários encontros sociais e cerimónias, como festas, velórios, missas ou casamentos. Nos casamentos tradicionais guineenses, os noivos comem a denominada comida sagrada numa cabaça, existindo outra para estes lavarem as mãos após a refeição. De seguida, a família junta-se para cantar para a noiva, ao som da Tina e dos palmos de madeira. Apresentando a Tina este peso na cultura guineense, questionámos a população local de Bolama sobre a finalidade da Tina e a importância da mesma:

O momento mais importante da prática da Tina é na homenagem e casamento, e a dança da Tina é a dança mista, mas os mais praticantes são as mulheres, porque os instrumentos da prática da tina são matérias de uso do dia-a-dia das mulheres.

(N Guabi António da Costa Júnior, fevereiro de 2023)

Daquilo que eu ouvi, a finalidade da prática da Tina é a solidariedade, diversão e promoção da cultura guineense. E acho o momento mais importante da prática da Tina a festa.

(Malam Fal Camará, fevereiro 2023)

Quanto à finalidade, eu acho que como é um ritual guineense, a finalidade é solidarizar nos desgostos, animar casamento, animação das ONG, consciencialização na campanha de sensibilização, na cerimónia de Estado, etc.

(Eitor Diogenes Cassama, março de 2023)

No ano de 1982 já estavam na luta da sobrevivência da Tina e a finalidade desta prática é um meio de interação, diversão e partilha de experiência.

(Gualdino da Silva, março de 2023)

Este meio de partilha de experiências tem um impacto muito grande na população de Bolama, sentindo estes a prática da Tina como uma ação de guineensidade⁷. Para os bolamenses, a Tina é um palco para a diversidade cultural e, sem dúvida, o maior legado histórico-cultural e material da ilha. A população local destaca nomes como Tia Martina, Mana Falta, Tia Bodoque Dabó, Tia Duca de Telégra, Tio Lúcio da Silva, Mana Anterra, Joana Landim, Paulo Caiangó e Joãozinho de Barros como figuras de referência na prática da Tina em Bolama.

4. REVITALIZAÇÃO DA PRÁTICA DA TINA NA ILHA DE BÓLAMA

A Ilha de Bolama sofre uma situação de insularidade que a conduziu ao isolamento e esquecimento. Outrora um exemplo de cidade a nível da África Ocidental, Bolama encontra-se desertificada e desinvestida. Integrada no arquipélago de Bolama-Bijagós, a população estimada de 4.664 habitantes (2020) da Ilha de Bolama tem uma fraca qualidade de vida devido aos baixos rendimentos das famílias bolamenses. Tanto o isolamento como os baixos rendimentos são fatores que desmotivam a população local. Sendo a Tina um instrumento de intervenção, o isolamento e “esquecimento” de Bolama é um tema recorrente nas letras de várias canções de Tina – ‘Ó Bolama é pena, / Terra de mar com a água azul, /

⁷ Qualidade do que ou de quem é guineense; conjunto de traços considerados distintivos da cultura e história da Guiné-Bissau.

Falta de apoio dos governantes da Guiné, / é o que faz a nossa terra estar sozinha/isolada⁸.

A Ilha de Bolama tem assistido a uma gradual perda do seu património histórico-cultural e, conseqüentemente, da sua identidade. No âmbito cultural, muitos dos grupos outrora dedicados às artes performativas tradicionais foram, entretanto, extintos, o que se traduz numa significativa perda da herança cultural da ilha, e por consequência, da Guiné-Bissau. O desinteresse das novas gerações, a falta de meios, a falta de eventos onde esta arte possa ser apresentada e a falta de interação com outros grupos de Tina são fatores que colocam em risco esta prática que ocupa um lugar de destaque no património cultural imaterial da Ilha de Bolama. Muitos apelam ao apoio do Governo para que não se deixe perder este património e se resgate a prática da Tina para os mais jovens – *‘Ó governo apoia-nos, / Esfregai-nos as costas, nós esfregamos a nossa barriga, / Não nos deem as costas a Bolama, / Assim a nossa terra não fica isolada⁹.*

Recomendo que continuem com os nossos instrumentos da prática da Tina, que criem afiliação a nível da região, mas com apoio da Delegacia Regional. O Estado deve apoiar o grupo na promoção da Tina e passar as músicas no rádio e nas Mídias.

(Eitor Diogenes Cassama, março de 2023)

Dada a fragilidade deste tipo de património, tão dependente das pessoas e grupos que o vivenciam e transmitem às gerações seguintes, é importante documentar o mesmo para garantir a sua acessibilidade a gerações futuras e construir as condições para que as suas práticas se mantenham vivas. Vários bolamenses debruçaram-se sobre esta questão, mostrando a sua vontade de que haja a revitalização da prática da Tina e que se informe as gerações mais novas sobre a sua importância cultural de modo a garantir que se encontre no futuro dos jovens guineenses:

8 Canção 'Mar Azul'.

9 Canção 'Mar Azul'.

Recomendo que, pela sua importância, criassem uma associação de Tina, porque vai promover e defender a prática da Tina, também ajudará na conservação e defender os interesses dos praticantes da Tina. E aconselho os mais novos para procurarem a ter informação sobre a Tina e que se dediquem mais na promoção e divulgação dessa prática.

(N Guabi António da Costa Júnior, fevereiro de 2023)

Eu posso dizer que a Tina tinha grande impacto antigamente, porque a prática era constante e havia mais adesão e havia união entre grupos que existiam. Mas atualmente tem menos adesão por causa da ignorância das pessoas que não sabem o que é a Tina.

(Maria Eugénia Monteiro de Melo, fevereiro de 2023)

O impacto era positivo, porque deixava toda a gente bem animada, feliz, mas agora não, por falta de informação e por não conhecerem o valor da nossa identidade.

(Manuel Raimundo Lopes, fevereiro de 2023)

Apelo aos mais novos para aceitarem procurar as informações junto dos que têm mais informação da Tina.

(Malam Fal Camará, fevereiro de 2023)

Vou apelar aos mais velhos para ensinar aos mais novos a prática da Tina e para praticarem mais a Tina.

(Gualdino da Silva, março de 2023)

Considerando que a cultura é um instrumento de extrema importância para o desenvolvimento sustentável de um país, o projeto ***Bolama Ka Pudi Pirdi Tina*** da Fundação AMI em parceria com a Associação Pró-Bolama¹⁰, pretende contribuir para a proteção do património e dinamização do setor cultural na Ilha de Bolama, através da revitalização da prática da Tina e disseminação da importância cultural da mesma entre os jovens guineenses.

¹⁰ Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P. em parceria com a EUNIC.

CONCLUSÃO

Em suma, pretende-se que o manual sobre Tina, ajude na preservação e revitalização da tradição cultural não só da Ilha de Bolama, mas de toda a Guiné-Bissau. Através do conhecimento compartilhado sobre a origem, história e prática da Tina, espera-se despertar o interesse das gerações mais jovens e garantir a continuidade desta forma de expressão artística única.

Para proteger e promover o património cultural, é fundamental fortalecer o sector na região, apoiando grupos dedicados às artes performativas tradicionais. Além disso, é importante valorizar a diversidade étnica e cultural, reconhecendo a Tina como um elemento unificador entre todas as etnias guineenses. Será importante a implementação de políticas de preservação do património cultural, incluindo a Tina nos currículos escolares e a promoção de eventos e festivais que destaquem esta forma de expressão. Também é necessário envolver as comunidades locais, encorajando a transmissão do conhecimento e prática da Tina de geração em geração.

Por fim, ao proteger e valorizar a tradição da Tina, contribuímos para fortalecer a identidade local e enriquecer a diversidade cultural da Guiné-Bissau, assegurando que essa forma de expressão artística única possa ser apreciada e perpetuada pelas futuras gerações, promovendo a Tina como *‘elo de ligação entre o passado, presente e futuro’*¹¹.

Mantenhas!

¹¹ Entrevistado Gualdino da Silva, março de 2023.





Ação financiada pela
União Europeia



Ação cofinanciada e
gerida pelo Camões, I.P.

